

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
LABORATÓRIO DA ESCRITA – Edição Julho de 2021
Exercício proposto por Regina Azevedo e escrito por Yasmin Tinoco.

Déia aguarda o metrô na beirinha da plataforma. O vagão se aproxima e o espírito de guerra possui a trabalhadora. “Tantas horas ralando, mereço voltar sentada.” As portas se abrem e ela vai, esbaforida, em direção ao banco prateado, reservado aos vencedores dessa batalha diária. “Um filho duma puta – só falando assim – se achou do direito de ouvir música sem fones de ouvido.” Hoje ninguém vai estragar meu dia, dizia o famoso cantor, e foi assim que a raiva se transformou em resiliência. Deseja olhar os rostos que há quase dois anos estariam descobertos. Faz sentido pintar a boca pra não ser vista? E pra falar verdades duras a boca precisa desnudar-se? Sorte de quem não via sua cara feia, sua auto-estima imperceptível a olho nu. A voz marcante, e agora abafada, do camelô, anuncia o canudo de biscoito recheado de Nutella: O CHOCOLATE É DE MOSCOU, O GUARDA CHE-GOU E A PROMOÇÃO A-CA-BOU! Geral compra mesmo sabendo que o recheio é de chocolate fuleiro – esse é o acordo tácito dos pobres cansados que só querem um passatempo na viagem. “Peneira social” é o nome que Déia chama à medida que a linha 2 se aproxima da zona norte. De Botafogo a Glória poucas pessoas descem do vagão, percebe que “as roupas são boas e que as pessoas têm a cor mais puxada pro claro”. Na Central descem os guerreiros que vão pegar outra condução – a esses o desejo genuíno de que sempre consigam um assento prateado e ao lado de deus, quando morrerem; no Maracanã o estádio é ofuscado pela UERJ, um sonho não realizado. A moça do metrô estaria rouca, se não fosse uma gravação, de tanto anunciar que a estação final chegou. Sonolenta, levanta-se, sobe as escadas, passa na roleta. Desce a rampa da estação Pavuna com uma pressa que deixaria Usain Bolt com inveja.